

Uma seca no Nordeste forneceu a mão-de-obra

Ranieri Mazili, Adahil Barreto, Wagner Estelita e outros nomes de grande projeção na vida parlamentar da sessão legislativa de 1956.

Depois da batalha pela aprovação da lei da Novacap tinha JK, pela frente, a inclusão de dotações orçamentárias para as obras públicas indispensáveis à estruturação física do Distrito Federal. E só na mensagem do ano seguinte, encaminhando a proposta orçamentária para 1958, é que o Governo conseguiu inscrever dotações de vulto para custear obras de folego para Brasília, cujo nome nasceu de emenda de autoria do falecido deputado Pereira da Silva (PSD-AM).

Enquanto a lei da transferência era examinada pelo Congresso, já a Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal era nomeada para estudar, juntamente com o Instituto dos Arquitetos do Brasil, os pontos principais do edital para uma chamada internacional dos grandes nomes da arquitetura e da engenharia para o projeto do Plano Piloto. A lei foi sancionada em 19 de setembro e já a 30 do mesmo mês o "Diário Oficial" publicava o edital de convocação.

JK estabeleceu, no seu plano de governo, trinta metas. E delas não podia se descuidar, embora as preferências fossem para a Meta Síntese.

Sancionada a lei da transferência e constituída a Novacap, o Governo podia apagar a linha de procedimento estratégico para esta fase ingressando a seguir em duas outras. Importatíssimas e de transcendentes dificuldades para superação.

A segunda linha relacionava-se com a superação do fator tempo, que tinha nas limitações da data 21 de abril de 1960 um contingenciamento de extremas dificuldades para ser cumprido, adicionando-se, ainda, no contraponto, as exigências de ordem técnica, que não podem

abreviar no tempo, etapas que devem ter maturação adequada para se completarem.

A primeira visita oficial ao local da futura capital já fixara um ponto nas dificuldades a serem enfrentadas. Muitos dos ministros de Estado do então Presidente não acreditavam na disposição presidencial de efetivar a obra. Durante a visita o ministro da Guerra, Marechal Teixeira Lott, mostrava-se contrafeito, senão desconcertado como diz Juscelino. A certa altura da visita, Lott, olhar distante na paisagem agreste (nada havia na região a não ser siriemas, sapos e cascavéis), aproxima-se do ex-presidente indagando, entre incrédulo e respeitoso.

O Senhor vai mesmo construir Brasília, Presidente? - perguntou o então Ministro da Guerra.

—Não só vou construí-la, general, mas irei transmitir a faixa presidencial ao meu sucessor, com o Governo já instalado aqui - respondeu Juscelino com um largo sorriso a lhe iluminar a face.

A partir desse dia o Governo tinha três anos e dez meses para construir a cidade e transferir-se para o Planalto a Capital.

Mais que um desafio, constituía-se em autêntica provocação aos exemplos tirados da História.

Havia leis políticas para serem aprovadas. A marcação da data da transferência, a criação do novo Estado da Guanabara.

E o tempo. Tanto o da consumação natural dos dias como os medidos e reclamados pelos projetos técnicos.

Nesse particular vale a amostragem do que ocorreu, por exemplo, em relação às comunicações.

Ninguém poderia imaginar ou admitir que se transferisse a Capital do País, para um local, onde a Nação ficaria surda e sem diálogo com os escalões superiores que a dirigissem.

Brasília não tinha nada no particular.

O que mais se acentuava era a crescente oposição à transferência, à medida em que completavam as metas finais estabelecidas para a construção da cidade. Mas a telecomunicação era assunto grave, ligado diretamente à segurança nacional. O País tinha que manter vivo com o seu corpo dirigente um diálogo fluente e sem falhas convencionais.

JK, nesse particular, faz queixas amargas contra a Light "pela adoção de uma política protelatória". Em 1957, a Companhia Telefônica Brasileira, ainda pertencente ao Grupo Light, foi contactada. Ciente dos propósitos governamentais a CTB, depois de profundas e demoradas elocubrações apresentou uma alternativa lesiva aos interesses nacionais. O Brasil faria empréstimos, daria aval, daria recursos próprios e no fim, depois de um prazo de três anos, a CTB teria a exploração exclusiva das ligações com Brasília, nessa altura dos tempos, furados e vencidos todos os prazos.

O Governo tentou voltar para seus quadros, porém inutilmente. O então DCT prontificou-se em realizar a obra. Faltava-lhe, além de fôlego técnico, versatilidade administrativa.

Só em julho de 1959, nove meses antes da inauguração abriu-se uma concorrência internacional para a construção dos linques de microondas. A firma vencedora foi a RCA, na parte relacionada com o fornecimento e instalação dos equipamentos de rádio, em microonda, cabendo à Ericsson a instalação dos equipamentos multiplexados.

Feitas as contas, contados os tempos, só em dois anos seria concluída a ligação, ou seja além do prazo da inauguração. O tempo, no entanto não parava e tais conclusões completaram-se em setembro, seis meses, antes da inauguração.

O ex-presidente parecia,

final, encurralado. Malgrado todos esses insucessos, duas figuras imponentes foram tiradas da algibeira da História para entrar como trunfos da Oposição. Gustavo Corção, grave e competente catedrático da Escola Polythécnica (isto mesmo, com "Y" e "th"), adversário ferrenho de Brasília e um anônimo diretor da Marconi, uma das maiores firmas mundiais, especialista em telecomunicações, sentenciou a impossibilidade técnica para a obra em tão curto prazo, dizendo mesmo que só os ajustes dos equipamentos demandariam mais de um ano.

Eram 1.500 quilômetros lineares a serem vencidos, num traçado sinuoso e de extrema dificuldade para ser dominado.

Se ninguém tinha uma solução, a alternativa única era apelar para o espírito de brasilidade dos técnicos nacionais, caldeados com a saga do "espírito de Brasília". Israel Pincheiro foi instado a criar um Grupo de Trabalho para resolver o assunto.

E a solução foi encontrada. Criaram o DTUI (Departamento de Telecomunicações Urbanas e Interurbanas), ligado à Novacap e descobriu-se a figura exponencial de técnico, de bondade, de doação e de lealdade chamado José Paulo Vianna.

A data de inauguração do serviço de microondas ficou acertada para a véspera da inauguração - 19 de abril - com um pedido de carta branca e de tratamento especial para as prioridades.

A epopéia que se seguiu a este entendimento ainda não foi suficientemente apresentada em conjunto, para evidenciar o quanto de arrojo, de persistência, de capacidade de trabalho, de competência, de audácia e de coragem cívica foi preciso para superar o insuperável e vencer o invencível.

Aviões com radar, especialmente fretados nos Estados Unidos, passaram a voar na rota Brasília - Uberaba - Belo

Horizonte - Rio de Janeiro. O helicóptero de uso privativo do presidente da República, tratores, caminhões, carroças, carros de boi, burros e cavalos tudo utilizado, cada qual no momento asado, com a finalidade de entregar a obra em tempo hábil.

De permeio com a construção de uma nova Capital que irja diluir as platéias nervosas do Palácio Tiradentes, motivada diretamente pelas retortas de veneno manipulada nas colunas dos grandes jornais da época todos vigorosos combatentes e contrários à idéia da mudança invocando a todos os motivos válidos politicamente. No plano econômico a oposição esvaziava em uma de suas componentes básicas: o poder de influir diretamente no processo decisório do Governo.

"Diário de Notícias", "Correio da Manhã", "O Globo", "Jornal do Brasil" numa primeira linha, com calibres grossos a dificultarem as rotas para a saída de Brasília.

Todo motivo era motivo. Após mesmo a falta de motivo era razão para uma pedrada, uma pimenta mais acre, atuando numa atmosfera de extrema tensão política e com eleições previstas para outubro de 1960. Nessas eleições, a UDN já tinha programado a sua investidura no poder, através de um candidato que ainda não era o sr. Jânio Quadros.

Para fixar-se a data da mudança precisava-se de uma lei criando o Estado da Guanabara, transferindo o antigo Distrito Federal para a sua nova morada no Planalto Central.

Um episódio anterior mostrava ao Governo que a sua rota para o Planalto não estava assim tão aberta, nem tão palmilhável, apesar das rotas razas do horizonte revelarem Brasília nas suas vestimentas fiáveis para receber o casamento com a Capital da República.

Juscelino pretendia alterar o seu quadro político e escolhera para ocupar o Ministério da

Agricultura o sr. Santiago Dantas, que substituiria o sr. Mário Menegeti.

O PTB que formava com o PSD o bloco monolítico de 230 mudancistas fiéis, não afinava politicamente o Santiago. Numa manobra do líder Oswaldo Lima Filho, o trabalhismo anuncia, numa sessão vespertina do Congresso, que o PTB iria apoiar a constituição de uma CPI para investigar os métodos de trabalho e a forma de atuação da Novacap. A UDN, dentro do seu papel, tentava de há muito instituir uma Comissão Parlamentar de Inquérito para bloquear a versatilidade da Novacap, contendo os seus agentes maiores nas malhas de um inquérito que se arrastaria por muitos anos, perturbando a marcha dos trabalhos e levando a desconfiança aos empreiteiros.

Ouvindo o discurso, por acaso, de Oswaldo Lima Filho, JK liga o telene para o Palácio Tiradentes. Manda CHAMAR Carlos Murilo a quem confessa sua indignação pela capitulação do PTB ante uma manobra da UDN, por artimanhas de Carlos Lacerda. Oswaldinho fala ao telefone e depois de uma troca áspera de palavras cede o lugar para responder pelo que ocorria ao então presidente dos trabalhistas, senhor João Goulart. JK vai a Jango, pelo telefone e abre o verbo, protestando contra a traição de que estava sendo vítima e dispondo-se, inclusive, a romper definitivamente com o PTB.

Desse episódio nasceu o sacrifício do grande homem público que era Santiago, que num gesto de grandeza renunciou ao compromisso da indicação para a pasta da Agricultura.

JK foi mais longe. Comprometeu-se em mandar a Maioria assinar um requerimento de constituição da CPI, com uma exigência de que não abrisse mão: a CPI teria que instalar-se já em Brasília. A data, inclusive, poderia ser 22 de abril de 1960.